

**“A MAIS BELA AVENTURA DO MUNDO É A NOSSA”: A FORMAÇÃO
TEFEPISTA PARA O PROSELITISMO ITINERANTE**

Gizele Zanotto

Universidade de Passo Fundo (UPF)

gizezanotto@gmail.com

Nossa proposta é de analisar parte dos elementos da apostila de circulação interna intitulada *A mais bela aventura do mundo é a nossa: Diretrizes para os Êremos Itinerantes e Duplas de Contacteiros* [199?], produzida com base em excertos de reuniões realizadas com jovens membros da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). A TFP foi fundada como sociedade civil, de matriz confessional católica, no ano de 1960, na cidade de São Paulo/SP. Liderada pelo leigo Plínio Corrêa de Oliveira desde a gênese do grupo que articulou e fundou a entidade, os membros fizeram da defesa da tríade tradição católica, família monogâmica e propriedade privada e inviolável sua bandeira de luta por décadas, tanto no cenário brasileiro, quanto internacional, a partir da expansão do ideário e modelo organizativo. Defendendo a proposta do integrismo católico, de defesa ativa dos pilares do catolicismo conservador e mesmo reacionário, a entidade se consolidou como importante lócus do pensamento e ação antirreformista e contrarrevolucionária de matriz católica. Analisar uma de suas formas de ação é a premissa deste trabalho que centra-se na apostila em questão, tornada um manual de formação dos tefepistas itinerantes e duplas de contacteiros, que trabalham em ações descentralizadas e caravanas pelo país para divulgação das campanhas e publicações da TFP. Nossa perspectiva é avaliar os elementos formativos destacados para a mobilização dos denominados eremitas e contacteiros, bem como as campanhas nas quais esses tefepistas atuaram pela ampliação da rede de “Amigos da TFP” (também denominados esclarecedores, representantes, correspondentes-esclarecedores). Nos interessa analisar as diretrizes de instrumentalização para a expansão tefepista pelo país, a partir da ênfase na espiritualidade e operatividade das ações e campanhas. Nesse sentido a apostila torna-se um importante elemento de avaliação das premissas e orientações

lançadas aos membros como modelos de conduta, ação, espiritualidade e de leitura de mundo.

A mais bela aventura do mundo

A inserção de jovens no movimento católico tefepista tem longa e diversificada trajetória. Segundo sua documentação e também registros de egressos, evidencia-se o trabalho de inserção de membros, inicialmente, da Congregação Mariana, já articulados ao núcleo que formará Tradição, Família e Propriedade em 1960, liderados pelo leigo Plínio Corrêa de Oliveira¹, ainda como membros do movimento eclesial de base na capital paulista. Formada a TFP, o sistema de incorporação de novos membros passa a ser potencializado pela seleção de jovens da elite intelectual, pelo trabalho de aliciamento realizado por professores, assim como pelos contatos pessoais estabelecidos entre membros e sua rede de sociabilidade anterior à imersão, preferencialmente exclusivista, ao grupo de iniciados. Posteriormente, com a ampliação da entidade, sua transnacionalização² e a modificação de perspectivas de aliciamento, a inclusão se dava de forma mais abrangente, incorporando quaisquer interessados (BARREIROS, 2004, p. 09).

A TFP se conhece aos poucos. Somente participando ativamente das palestras, reuniões, acampamentos, retiros, semanas de estudo e encaminhando-se para uma adesão definitiva ao seu ideal contrarrevolucionário é que a face oculta da entidade desvenda-se progressivamente do véu do segredo que a protege do público externo. Os tefepistas vão continuamente se adaptando a convenções e aos ambientes visando, sobretudo, preservar o discurso interno da crítica aberta. Praticando o que chamam de restrição mental (forma amena de mentir) cotidianamente sentem-se preparados e confiantes para não incorrerem

¹ Plínio Corrêa de Oliveira nasceu em São Paulo/SP em 1908. Sua militância católica iniciou nos anos 20 e se estendeu até os anos 1947, como membro do movimento leigo oficial. Após esta data o grupo que já defendia as mesmas bandeiras de Oliveira, e que fora afastado de suas atividades na Arquidiocese de São Paulo em razão da adesão a uma proposta mais progressista de catolicismo, continuou se articulando até formarem o núcleo fundador da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP (1960-1995), na qual Oliveira teve destaque como líder e presidente vitalício. Oliveira faleceu em São Paulo, no ano de 1995.

² A expansão internacional da TFP iniciou com a criação de entidades coirmãs nos países limítrofes ao Brasil e seguiu até haver grupos nos cinco continentes, em mais de 15 países.

no pecado da mentira através de subterfúgios como a omissão e a revelação parcial de eventos e doutrinas que possam prejudicar a causa tefepista e/ou sua identidade católica.

Ingressando nos núcleos iniciais de formação tefepistas, os jovens – alvo preferencial de investimento formativo de novos membros -, progressivamente recebiam instruções sobre catolicismo, postura, operatividade, atividades e também iam conhecendo o discurso hermético intramuros, bem como as devoções internas em relação à obra norteadora da concepção e da ação tefepista, *Revolução e Contra-Revolução* (1959)³; ao fundador e presidente vitalício, Plínio Corrêa de Oliveira; e à sua genitora, Dona Lucília Ribeiro dos Santos. Aos jovens iniciandos, legava-se o termo de “fora da pista”, pois seriam militantes não-entrosados ou não-iniciados no culto a Plínio e sua mãe, incapazes de perceber as sutilezas e as mensagens do “profeta” aos seus discípulos pela adesão recente (FOLENA, 1987, p. 130).

É importante salientar que toda esta construção sobre a excepcionalidade de Plínio e de sua missão, na qual se incluem a fundação e a direção da TFP, é disponibilizada aos seguidores aos poucos, sem causar grandes danos às suas crenças católicas e buscando não afastar o apostolando (membro potencial da entidade) dos demais tefepistas e da instituição. Além deste caráter iniciático de doutrinação – situação *a priori* comum e cotidiana também em entidades estudantis, culturais, políticas etc., mas que pode ser canalizada de forma abusiva em certas situações e contextos -, a TFP também mantinha determinados temas e rituais ocultos por meio de sua própria organização interna, disposta em círculos concêntricos (FEDELI, 2005, p. 14), visto que “*todos os graus de iniciação não são nem podem ser ultrapassados por todos os iniciados*” (AUGÉ, 1984, p. 82). Havia, inclusive, círculos secretos de todos os que dele não faziam parte, situação que culminou na ereção de uma sociedade secreta no interior da TFP, a chamada Sagrada Escravidão, mas que se tornou mais conhecida por seus membros como Sempre Viva, e que incluía em seus quadros os tefepistas que se consagravam como escravos do profeta, seguindo as orientações da escravidão mariana proposta por São Luís Maria Grignon de Montfort (Ver: FEDELI, 2005; FOLENA, 1987; ZANOTTO, 2007).

³ O ensaio foi publicado na edição n. 100 da revista *Catolicismo*, criada como órgão de divulgação do grupo articulado por Oliveira. A publicação posteriormente foi atualizada e ampliada, nos anos 1970 e 1990.

Os neófitos eram instigados a compreender sua adesão à TFP em termos de vocação, ou seja, uma propensão, uma disposição à qual não se deveria desprezar em nenhuma hipótese pois tida como chamado divino. Esta vocação TFP culminava com a crença de que seus membros eram distinguidos por predileção, ungidos com o *tau*, sinal sagrado com que Deus teria assinalado a frente dos eleitos em uma época de apostasia (Ez, 9-3,4), – sinal que significativamente está presente no estandarte da TFP. Cooptados a integrar este grupo seletivo de católicos, sentir-se-iam agraciados e confiantes por aderirem a uma batalha urgente, necessária, justa e providencialmente vitoriosa. Crentes no processo de decadência ininterrupto da Igreja e da sociedade moderna, aprendem a considerar toda e qualquer realidade social nas categorias de revolução (reino de Satanás) e contrarrevolução (tudo o que se refira a TFP). Os membros também são preparados para esperar e desejar a tribulação final que assolará a humanidade, punindo os pecadores e consagrando os fiéis, e dando início a um novo tempo, denominado Reino de Maria no ambiente interno da TFP.

Este Reino futuro de fé e virtude, aguardado pelos tefepistas, só seria destruído com o Apocalipse, “destruído o Reino de Maria, Deus dará por encerrada a função do homem sobre a Terra” (PEDRIALI, 1985, p. 27). A partir daí, a morada das almas seria o paraíso ou o inferno. Nesta construção também se destacam as transformações que a implantação do Reino traria consigo: um Reino em que a modificação social estaria unida à alteração da natureza, da essência dos seres, através de uma intervenção divina. Weber também sublinha que as propostas escatológico-messiânicas auxiliam na resolução dos problemas da teodicéia (a explicação do mal no mundo) com a certeza de uma compensação futura; um futuro onde não apenas ocorrerá uma mudança política e social, mas em que um Deus ou um herói poderoso virá – logo, mais tarde, algum dia – e colocará seus adeptos na posição de destaque que merecem (WEBER, 2000, p. 351).

Antes do novo tempo, os tefepistas deveriam pautar seu cotidiano na luta pela e na TFP. Ingressando nos quadros da sociedade, os jovens seriam integrados à sua estrutura e atuação. Entre as atividades e tipos de membros temos uma variedade instigante que por si só já aponta a complexidade e a organização da TFP para dar conta de sua abrangência nacional, atividades locais, estudos, campanhas, arrecadação de fundos, administração, etc. (Ver Tabela 1). Os elementos que apresentamos abaixo foram

sistematizados a partir de obras de egressos, entrevistas e alguns materiais internos que tornaram possível compor parte do quadro de membresia.

Tabela 1: Tipologia dos membros da TFP

Tipologia	Descrição
Correspondentes-esclarecedores	Grupo de simpatizantes da TFP que não são membros, mas que aderem à sua doutrina. Divulgam e apoiam as atividades da TFP.
Apóstolos itinerantes	Membros destinados a recrutar novos membros, acompanhar seu progresso, auxiliá-los em seus problemas e dúvidas.
Bandeiras	Grupo de contacteiros que realizavam abordagens pessoais em campanha de divulgação, venda de materiais, coleta de donativos, etc.
Grupo operário	Membros que faziam as tarefas manuais de cozinha, jardinagem, limpeza, etc. Esse grupo operário possuía sede própria e não ascendia para outras funções.
Coleta de donativos	Formados na sede da Nossa Senhora da Divina Providência como coletores de donativos. Estudavam modernas técnicas de marketing e vendas, visando otimizar a arrecadação de fundos.
Eremitas	Membros que viviam em casas de estudo, chamados Êremos, com uma vida voltada para a oração, para a preparação dos cerimoniais da TFP (música, coreografias, liturgias, etc.), para atividades específicas.
Eremitas itinerantes	Membros que viajavam pelo país vendendo obras da TFP e realizando divulgações e campanhas. Viviam efetivamente como itinerantes, moravam nos automóveis que utilizavam para o deslocamento. Viajavam por todo o Brasil.
Camaldulenses	Membros que vivem em casas de estudo mas com uma vida totalmente isolada, em catres separados e sem conversação. Além das orações e rituais não tinham uma vida em comum. As Camaldulas funcionavam como casas específicas de estudo, onde as pessoas estudavam temas encomendados pelo líder e escreviam livros sobre tais temas.
Decisões administrativas e financeiras	Função legada à Diretoria Administrativa e Financeira Nacional (DAFN)
Organização das campanhas públicas	Atividade desempenhada pelos membros mais antigos da entidade, reunidos no Conselho Nacional (CN), composto de vinte membros liderados até 1995 por Plínio Corrêa de Oliveira.

As vivências internas na TFP já foram discutidas em trabalhos anteriores (CASTRO, 1991; ZANOTTO, 2004, 2007, 2009 e 2010), mas a operatividade, pelo acesso à fontes internas da entidade, até então restritas aos membros, traz nova luz à muitos aspectos. Eis nosso intento, aprofundar discussões e a própria compreensão do procedimento tefepista que marcou a história do Brasil e de muitos outros países a partir da década de 1960 e que, mesmo que sob outras bandeiras institucionais, no país e exterior, segue em parte sendo mantida pelas TFP's, Associação Internacional de Direito

Pontifício Arautos do Evangelho⁴, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira⁵ e outras entidades afins formadas nas últimas décadas.

Diretrizes para os Êremos Itinerantes e duplas de contacteiros

Entre as funções mais instigantes do universo tefepista, acreditamos, está a atuação direta com a comunidade em geral. Por meio de campanhas, abaixo-assinados, venda de obras e outras publicações, entrega e difusão de manifestos, etc., geralmente os membros mais jovens da entidade atuam nas ruas de grandes cidades, de porta em porta pela atuação de duplas de contacteiros (também chamados Bandeiras) ou realizam imersões no interior do país nas chamadas caravanas. É para instrumentalização de seus membros divulgadores que a apostila *A mais bela aventura do mundo é a nossa* [199?] foi sistematizada.

A apostila tem 233 páginas que reúnem as denominadas diretrizes para os eremitas itinerantes (membros das caravanas) e os contacteiros. Seu título principal é atribuído a um lema da “Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo, conhecida como Ordem dos Templários, a mais famosa ordem de cavalaria da época das Cruzada” (ESCOCARD, 2013), embora não tenhamos conseguido confirmar tal assertiva. Acerca da autoria, não explicitada na parte formal do material (capa, introdução), aventamos a hipótese de que trata-se de publicação legada à Oliveira – mencionado como autor da maior parte dos excertos indicados no texto. A não nomeação dos estudiosos, compiladores, transcritores das reuniões, é corrente em obras da TFP, embora geralmente houvesse a atribuição a Oliveira como autor como prática recorrente. De todo modo, o personalismo legado à Oliveira como fundador, criador e líder de praticamente tudo que

⁴ A Associação Arautos do Evangelho (AEB) foi fundada na capital paulista em 21 de setembro de 1999, sob liderança do atual Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, com a aprovação dos Estatutos pelo Bispo de Campo Limpo/SP, Dom Emilio Pignoli. Posteriormente foi alçada a Associação Internacional de Direito Pontifício Arautos do Evangelho em 22 de fevereiro de 2001, quando também foi reconhecida pelo Pontifício Conselho para os Leigos. Todavia, há que se destacar que outra entidade precedeu a fundação da AEB em cerca de dois anos – a Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima (ACNSF), fundada em agosto de 1997. Ambas as entidades se articularam a partir da liderança de João S. Clá Dias e da reunião de egressos da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP).

⁵ O IPCO foi fundado em 8 de dezembro de 2006 por iniciativa do Eng^o Adolpho Lindenberg, primo-irmão de Oliveira para agregar os defensores da proposta doutrinária e operativa da TFP pliniana após o cisma na entidade. Atualmente reúne os mais antigos membros fundadores da TFP e também novos membros dispostos a continuar lutando pelo integrismo católico de matiz pliniana, com orientação cultural e política.

se refere à entidade, até 1995 pelo menos, é a marca principal do que vemos em difusão pela TFP.

A produção do material apresentado na apostila *A mais bela aventura do mundo é a nossa* [199?] foi realizada com a organização em partes e capítulos de instruções repassadas ao longo de décadas, sobretudo pelo líder Oliveira, em reuniões, textos, etc.⁶ Os encontros que geraram esta compilação datam de 1968 até 1994, portanto cobrindo 27 anos de reuniões, simpósios, despachos, etc. Infelizmente não há registros sobre a confecção do material (autoria, data, forma de seleção de fontes, etc.), o que nos leva a refletir sobre, pelo menos, duas possibilidades: ou o material foi construído aos poucos, fundamentando a atuação dos tefepistas com orientações que progressivamente foram sendo ampliadas e atualizadas; ou o material foi organizado ao fim do período de composição das fontes, ou seja, pós-falecimento de Oliveira, em meados da década de 1990, quando tensões, rupturas e conflitos explícitos foram marcantes no cotidiano da entidade, levando a reconfigurações expressivas, cisões e litígios judiciais que demandaram décadas de tramitação. De fato, não sabemos o alcance e a mobilização do texto para formação de tefepistas, todavia, como produto humano, podemos analisar o intento de sua composição – eis nossa perspectiva.

Segundo registros da própria TFP, a primeira caravana de sócios e cooperadores foi iniciada em outubro de 1970, saindo de São Paulo, “numa campanha de divulgação permanente das publicações e dos ideais da TFP” (SOCIEDADE, 1980, p. 04). Antes disso houve campanhas de rua, abordagens a transeuntes, coletas de assinaturas e outras forma de interação com o público, já esboçando as futuras diretrizes que foram reunidas para orientar os tefepistas. Também antes da primeira caravana foram esboçados os símbolos tefepistas que fariam da identificação simbólica e estética referenciais para

⁶ Conforme mapeamento de referências que realizamos na apostila *A maior aventura do mundo é a nossa* [199?], constam como fontes das informações: Comissão B, Conversa de Sábado a Noite (CSN), Despachinho, Despacho, Despacho Correspondentes e Esclarecedores (CCEE), Despacho com a Comissão do Movimento, Despacho Eremos itinerantes, Despacho monarquia, Despacho Quidams Eremos Itinerantes, Êremo do Amparo de Nossa Senhora, Êremos Itinerantes, Êremo do Vínculo Profético (EVP), Palavrinha Eremos itinerantes, Reunião Êremos Itinerantes, Reunião Extra, Reunião Extra (caravana argentinos), Reunião Normal (RNO), Santo do Dia (SD), Simpósio Caravanas, Simpósio Duplas, Simpósio Êremos Itinerantes.

identificação dos membros. Os estandartes vermelhos com leão dourado foram adotados em 1965 e as capas vermelhas vestidas pelos membros em campanha em 1969.

Como forma de orientação para os eremitas itinerantes e contacteiros, reuniões, semanas de estudo, orientações, etc., eram repassados aos membros para sua preparação à atividade itinerante. Como um “coroamento” dessa iniciação, temos então a produção da apostila aqui tida como fonte. A apostila está estruturada em XV partes, muitas delas com diversos capítulos e subcapítulos específicos. A organização de títulos é realizada de modo explícito e também explicativo, dando indicações e mesmo orientações de como agir, mesmo antes da leitura do texto em si (ex. I – Introdução; A. Ser eremita itinerante: uma muito grande graça, fundamentada na misericórdia de Nossa Senhora). A estrutura em si, é dividida conforme segue:

- I. Introdução (subdivisão de A a C)
- II. Teoria da representação
- III. Tarefas dos êremos itinerantes (A e B)
- IV. Mensagem dos êremos itinerantes (A e B)
- V. Apostolado dos êremos itinerantes na rua: pressupostos, problemas, objetivos, métodos e regras (A a N)
- VI. Modalidades de campanha (A a F)
- VII. Finalidades dos êremos itinerantes (A a K)
- VIII. Serviços prestados pelos êremos itinerantes – Finalidades que os êremos itinerantes já atingiram em certa medida (A a F)
- IX. Diários de campanha, relatórios e consultas dos êremos itinerantes (A a D)
- X. Código de honra do caravanista
- XI. Ordo dos êremos itinerantes (A a H)
- XII. Vida espiritual dos eremitas itinerantes e caravanistas (A a O)
- XIII. “Discurso” dos êremos itinerantes (A a J)
- XIV. Outras considerações sobre os êremos itinerantes (A a M)
- XV. Bandeiras ou duplas de contacteiros (A a N)

O panorama da obra indica a intencionalidade de dar conta da preparação, operatividade, vivência religiosa, vocação, discurso, modalidades, métodos, registros da atuação dos caravanistas e duplas. Nesse sentido, como material explicitamente

orientador, parece-nos elucidativo para que os tefepistas deem conta de suas tarefas quando em campanha pelo país. Afora a riqueza temática e de abordagem passível para a análise pormenorizada de cada parte e capítulo, aqui nos propomos a discutir algumas questões gerais que permeiam o material, tomado como fonte para este artigo, sem desconsiderar que esta é uma primeira aproximação reflexiva e crítica sobre tão instigante produção.

Ser eremita e contacteiro

Entre a apresentação das diretrizes norteadoras para a atuação dos eremitas itinerantes e das bandeiras, faz-se necessário indicar alguns elementos que marcam o texto em sua singular definição, tanto dos membros da TFP, quanto de seu fundador e de sua atribuição - temas esses que passaremos a tratar. Um elemento de destaque nas publicações e encontros de tefepistas está na deferência em relação aos fundadores, ao líder principal, aos quidam (qualquer um, membros delegados de poder de PCO. espécie de ordenança do profeta, depreciativamente denominado para ressaltar o espírito de “humildade” imperante no êremo) e também, aos apostolandos.

O termo utilizado para o diálogo corrente entre os membros é o pronome de tratamento “senhor”. A etimologia do termo remete ao latim *senior* (mais velho, mais antigo). Ainda no período medieval, no contexto linguístico português, o termo senhor, significando pessoa com autoridade e direitos sobre alguém ou alguma coisa, era utilizado em relação a senhores de terras, senhor de escravos, senhor de engenho. Também foi atribuído a monarcas, representantes de classes elevadas na sociedade. Com o tempo e a ampliação do uso, destaca Rodrigues (s.d., s.p.), o termo adquire a possibilidade de ser utilizado como prenome agora designando autoridade e respeito. Segue o autor afirmando,

Mudando radicalmente de época, nos anos 80 e, principalmente, nos anos 90 deste século, o pronome de tratamento senhor(a) adquire novos usos, restringe-se a outras situações, bem distintas das já vistas. Atualmente, seu uso é muito mais regido pela idade e pela distância social que pela autoridade, mas conserva ainda arraigado alguns valores que remontam à época dos reis e senhores como submissão e respeito (aos “superiores”). (RODRIGUES, s.d., s.p.)

O uso do termo senhor entre os tefepistas, sejam eles apenas apostolandos ou membros já inseridos à entidade, denota a intenção e a deferência respeitosa a todos, trabalhando também com a valorização e o ego dos iniciandos desde os primeiros contatos. Esta forma, que a um só tempo exprime distinção e distanciamento, traz em seu bojo a perspectiva da impessoalidade desejada entre os membros. Ser tefepista, nesse sentido, é mais do que ser João, Pedro, Raul. Ser tefepista é integrar um movimento que lhe envolve com exclusividade, afastando-o da rede de relações familiares e sociais anteriores⁷ – qualificadas como revolucionárias, portanto, deletérias – e imergir num ambiente propício à elevação espiritual e à batalha pela contrarrevolução. Para isso a individualidade não é o foco principal, mas sim o investimento em receber a graça (progredir na iniciação) e ser um guerreiro de bom espírito (entusiasta, devoto, submisso à causa TFP).

Ainda neste sentido de integração, o capítulo II da apostila dedica-se à denominada teoria da representação que, neste contexto, refere-se à identificação que o tefepista terá com relação à seu grupo, fundador e ideário – características asseveradas por Oliveira não só neste material, mas em grande parte da produção sobre a entidade que vemos em obras, manifestos, depoimentos e também manuais. Em campanha, os senhores eremitas e contacteiros, seriam representantes de algo maior do que a própria ação a que estão se empenhando. Oliveira lança perguntas retóricas como forma de reflexão aos interlocutores, mas, sobretudo, como forma de conclusão de sua singularidade como líder, católico e propiciador de conhecimento aos tefepistas – quase uma louvação explícita:

O que é que eu represento por minha vez? Não é verdade que eu transmito aos senhores toda a tradição da Igreja recebida do Magistério Eclesiástico e dos Papas? Não é verdade que eu transmito aos senhores toda a tradição da Cristandade? Que os senhores não teriam humanamente falando senão deste modo? (Apud: A MAIS BELA, [199?], p. 15)

⁷ Nos temos de Oliveira, “Os senhores são pessoas que Nossa Senhora chamou para renunciarem, de um modo mais efetivo e mais concreto do que tinham renunciado anteriormente, a todos os vínculos nesta Terra. Acabou-se a história de círculos mundanos, acabou-se a história de ter contato com a cidade onde se morava, onde a gente nasceu e aonde mil vínculos de amor próprio, de megalice, de respeito humano, etc., nos retinham. Acabou-se qualquer ligação com o mundo da Revolução.” (Apud: A MAIS BELA, [199?], p. 15)

Neste sentido, o fundador da TFP ainda destaca aos interlocutores, o vínculo indelével que se estabelecera entre eles e, de outro modo, a onipresença pliniana pelo país por meio da ação tefepista difusa em múltiplas formas de ação encetadas pela TFP e seus simpatizantes e correspondentes. Em especial, a onipresença de Oliveira via cada um dos membros, em muito derivada da qualidade de fundador de uma “família de almas”, de certo modo análoga a uma ordem religiosa. Segue Oliveira:

Há entre nós um nexu muito maior do que simplesmente de pai e filho. Há uma transmissão de espírito e de graças. Há um vínculo de finalidade na vida, todos nós temos na vida a mesma finalidade. Nascemos para estarmos conjugados uns com os outros, para travar com Nossa Senhora a mesma batalha. Ela nos cobre com as mesmas graças. Ela nos reúne para o mesmo fim. Ela faz de nós um todo.

O resultado é que onde estão os senhores, de algum modo estou eu, está a TFP inteira presente.

E estão presentes todas as graças que Nossa Senhoras dá àquele que Ela quis que fundasse a TFP, e está presente toda a proteção, todo o auxílio materno que Nossa Senhora me prometeu – sem visão e sem revelação – por ocasião de Nossa Senhora Auxiliadora e de Nossa Senhora de Genazzano. Isto cobre os senhores também. É só os senhores quererem ser cobertos por isto. (Apud: A MAIS BELA, [199?], p. 15)

Analisando os excertos em sua proposição, observamos que trata-se de uma estratégia discursiva de apelo ao sobrenatural como instrumento e vínculo. Dado que os vínculos humanos são mutáveis, lábeis, frágeis, o apelo discursivo ao religioso – durável, imutável, eterno – traz como marca do discurso esse apelo a forças não passíveis de transformação, pois situadas em outro campo, evidenciando uma assimetria entre locutor e ouvinte, situados no plano espiritual e no plano temporal (PEDROSA, 2007, p. 41; ZANOTTO, 2018, p. 342). Oliveira, falando como líder espiritual, é a voz da verdade, o interlocutor privilegiado com o sobrenatural, e o mediador entre este e os tefepistas, seu guia e profeta.

Segundo Weber o profeta seria “*o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandato divino*” (WEBER, 2000, p. 303). O carisma seria uma forma peculiar de poder, baseada em um dom especial, que fornece ao líder uma autoridade baseada, não no caráter sagrado da tradição, ou na legalidade e racionalidade de uma função, mas num dom, na capacidade

extraordinária que possuem. Este dom se impõe aos discípulos no anúncio e realização de uma missão de caráter religioso, político, filantrópico, etc. (SANDRE, 2002, p. 149).

Também os estudiosos das religiões e religiosidades enfatizam que a adesão à mensagem salvífica de um profeta e a incorporação a um grupo sectário tem profundas relações com o contexto vivenciado pelos candidatos. Para muitos está é uma das formas possíveis de exteriorização de uma contestação social e política à sociedade contemporânea, uma sociedade materialista, despersonalizada, carente de valores e modelos culturais, desprovida de líderes catalisadores, de objetivos válidos e de sentidos últimos, assim como de visões grandiosas da vida e da história. Prieto salienta que geralmente os jovens escolhem grupos religiosos austeros e ascéticos como uma espécie de fuga do aburguesamento e do facilismo em que vivem, bem como pela fascinação que tem pelo heróico, pelo difícil e diferente. A perspectiva de adesão à um grupo, ou comunidade, que vincula-se em prol da defesa de valores tradicionais, que critica esta sociedade consumista, que crê estar edificando uma nova era de virtuosidades e fé para os eleitos exerce um forte poder de atração aos que, de alguma forma, desejam se afastar desta sociedade “contaminada”, despersonalizada e imediatista. A TFP também oferece ao mercado de bens simbólicos uma alternativa mítica de vivência e salvação, sendo também resultado desta busca dos indivíduos pela grandeza da mortificação, do sofrimento, da adesão a uma causa nobre, e da busca de reconhecimento individual numa sociedade massificada (PRIETO, 1994).

Antes de retomar a avaliação da apostila, cabe trazer uma definição de caravana, esboçada por Leo Daniele (Apud: ASSOCIAÇÃO, 2005, p. 74) em obra rememorativa aos dez anos de falecimento de Oliveira:

o que é uma caravana? No caso da TFP, um conjunto em geral de nove jovens numa caminhonete, sem dinheiro no bolso mas com muito idealismo, munidos de estandartes, capas e megafones, a fazer propaganda dos ideais católicos da entidade pelo Brasil afora. Seu custeio é obtido junto aos habitantes do lugar visitado, que oferecem refeições, hospedagem, gasolina e conserto dos veículos, atestando assim a entusiástica acolhida que elas recebem por toda parte.

Esta forma de interiorização das campanhas é uma das marcas singulares de atuação da TFP no Brasil e exterior. Em outras entidades são as redes de contato que, em geral, dão conta da venda de materiais, distribuição de panfletos, coletas de assinaturas, e outras ações. Na TFP vemos esse investimento sendo realizado como uma forma de campanha, certamente, mas também com um caráter de imersão, aventura e conquista. Considerando o perfil dos itinerantes, geralmente jovens, em grupos de 9 membros, pelo país em kombis, a perspectiva de exploração parece se reforçar e se consolidar quando da avaliação das imagens de caravanas que estampam materiais e publicações da TFP.

A apostila traz ao longo de seus capítulos o destaque à importância da TFP e da atuação corpo a corpo realizada pelos eremitas itinerantes e duplas de contacteiros. A exaltação de tais atividades tem em si um artifício implícito de dirimir dúvidas, inconvenientes e insatisfações com este tipo específico de atuação. Para evitar ou diminuir tais aspectos negativos, o texto inicia com uma descrição do ideal que se articula a tais atividades. Seriam elas atividades extremamente estudadas, planejadas, calculadas, cujo resultado tem perspectivas claras e diretas: “os senhores não foram jogados nas caravanas [à esmo], mas pelo contrário é uma coisa que eu aproveitei com usura, tostão por tostão” (OLIVEIRA Apud: A MAIS BELA, [199?], p. 09).

O desempenho de tal atividade, segue o texto, é uma oportunidade incomparável que, desde modo, não poderia ser diminuída ou desvalorizada. Para reforçar tal proposição, as referências aos cavaleiros medievais, aos guerreiros da fé e arautos do catolicismo perpassam as páginas. A exaltação da atividade também está explicitada em várias passagens, entre as quais a ênfase de que o mérito é justamente o *status* ambulante, sem fixação em dado local, sem raízes com a cidade, como cavaleiros andantes (A MAIS BELA, [199?], p. 10s); mas são também eremitas, membros dedicados ao silêncio, estudo, à vida espiritual: “os senhores são os guerreiros do silêncio, da oração e do recolhimento” (A MAIS BELA, [199?], p. 13).

Entretanto, o apostolado dos eremitas itinerantes é especialmente voltado para a rua, para espaços abertos passíveis de reforçar ou modificar atitudes mentais em prol da contrarrevolução católica. Nessa ação se mobilizam forças dos anjos e demônio, forças do bem e do mal que permeariam os ambientes. Ante o desafio de empreender campanhas nas ruas, nas cidades distantes, em locais distantes, ante pessoas desconhecidas, também

se aventa a possibilidade de reações negativas de “arruaceiros”, instigados pela ação do demônio e próceres da revolução que podem chegar à violência. Para isso, os tefepistas são estimulados a aprenderem “o karatê, um exercício sem o qual a TFP não é a TFP” (A MAIS BELA, [199?], p. 42).

Na apostila discute-se a importância do karatê, como forma de defesa imediata e legítima ante agressões em campanha. Todavia, novamente aqui vemos o vínculo ao sobrenatural sendo mobilizado. O fim principal do karatê seria “vingar Nossa Senhora”, pois todo ataque a quem trabalha pela causa mariana deve ser vingado de modo justiceiro: “Isto é limpar a face da Igreja Católica de uma calúnia de mais de mil anos” (A MAIS BELA, [199?], p. 42). O karatê seria a forma de preparo para os grandes dias de tribulação que se aproximariam, mas também seria a forma com que os tefepistas se tornariam “escravos-guerreiros-monges, lutadores por definição” (A MAIS BELA, [199?], p. 42).

A apostila traz inúmeros exemplos de atividades desenvolvidas e como foram repercutidas as ações e reações em cada situação. Mais do que diretrizes sistematicamente indicadas, o material discorre sobre inúmeros temas tidos por relevantes – mesmo repetindo os argumentos, como forma de reforço de informação, talvez – permeando sua estrutura por palavras do fundador que, como vimos, tem grande poder e influência sobre os membros. Até aqui fizemos uma avaliação preliminar e inicial de excertos do material no intento de melhor compreender quais as estratégias de atuação e de formação dos tefepistas intramuros. Muito ainda há para se explorar neste e outros documentos internos. Este é o artigo inicial de uma saga de pesquisa que vai prosseguir.

REFERÊNCIAS

- A MAIS BELA aventura do mundo é a nossa: diretrizes para os Êremos Itinerantes e Duplas de Contacteiros. [S. l. : s. n.], [199?]
- ASSOCIAÇÃO dos Fundadores da TFP – Tradição Família Propriedade. *Plínio Corrêa de Oliveira dez anos depois...* São Paulo: [s.n.], 2005.
- AUGÉ, Marc. Iniciação. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 30 (Religião-Rito). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1994. P. 74-92.
- BARREIROS, Tomás Eon. Depoimento: *Vivência na TFP I* [Curitiba], 12 out. 2004. Entrevista concedida a Gizele Zanotto. p. 09
- CASTRO, Marcelo Lúcio Ottoni de. *Política e Imaginação: Um estudo sobre a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP)*. 1991. Dissertação (Mestrado em

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- História Política do Brasil) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- ESCOCARD, Luís Felipe. "A mais bela aventura do mundo é a nossa". *Revista Catolicismo*, julho de 2013. Disponível em <<http://catolicismo.com.br/index1.cfm/mes/Julho2013>>. Acesso em 13 de julho de 2019.
- FEDELI, Orlando. *Entrevista sobre a TFP* [São Paulo], 05 dez. 2005. Entrevista concedida a Gizele Zanotto [com complementações do entrevistado].
- FOLENA, Giulio. *Escravos do Profeta*. São Paulo: EMW Editores, 1987.
- PEDRIALI, José Antonio. *Guerreiros da Virgem: A vida secreta na TFP*. São Paulo: EMW Editora, 1985.
- PEDROSA, Cleide Emilia Faye. Discurso religioso: funções e especificidades. *Soletras*. Ano VII, No. 13, p. 38-45, jan/jun 2007.
- RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. Discussões relevantes a alternância Você e O Senhor, A Senhora. *Instituto de Estudos da Linguagem*. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00002.htm>>. Acesso em 13 de julho de 2019.
- SANDRE, Ítalo de. Carisma. In: BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco (Orgs). *Dicionário de Política*. 12ª edição. Vol. I. Brasília: Editora da UnB, São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.
- PRIETO, Atilano Alaiz. *As Seitas e os Cristãos*. São Paulo: Edições São Paulo, 1994.
- SOCIEDADE Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. *Meio século de epopéia anticomunista*. 3ª edição. São Paulo: Editora Vera Cruz, 1980.
- TEVES, Nilda. O imaginário da configuração da realidade social. In: TEVES, Nilda (Coord). *Imaginário Social e Educação*. Rio de Janeiro: Gryphus: Fac. de Educação da UFRJ, 1992.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª edição. Brasília: Ed. UnB, 2000.
- ZANOTTO, Gizele. Reconstruindo as vivências: A memória emergente de um egresso da TFP. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Florianópolis, nº 12, p. 19-37. Julho 2004.
- ZANOTTO, Gizele. Tradição, Família e Propriedade (TFP): As idiosincrasias de um movimento católico. 2007. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- ZANOTTO, Gizele. Ortodoxias, heterodoxias: Os tênues limites da religiosidade católica na TFP. In: ISAIA, Artur Cesar (Org.). *Crenças, sacralidades e religiosidades*. Florianópolis: Insular, 2009. p. 103-122.
- ZANOTTO, Gizele. Normatizações, controle e disciplina: a TFP enquanto instituição total (1960-1995). *História* (São Paulo. Online), v. 29, p. 206-220, 2010.
- ZANOTTO, Gizele. A análise do discurso como instrumento metodológico para o historiador da religião. In: SILVA, Ana Rosa Clochet da; DI STEFANO, Roberto. (Org.). *História das religiões em perspectiva: desafios conceituais, diálogos interdisciplinares e questões metodológicas*. 1aed.Curitiba/PR: Prismas, 2018, v. 1, p. 335-362.